



A pesquisa sobre o jornalismo anarquista no Brasil: um estudo dos artigos publicados na Alcar

Fernando Figueiredo Strongren ¹

Resumo: Com o objetivo de compreender melhor como o tema jornalismo anarquista é estudado no Brasil, analisamos neste trabalho os artigos apresentados nos encontros nacionais e regionais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar) que tratam dessa prática jornalística amplamente disseminada no Brasil entre o fim do século XIX e início XX. Utilizamos como referencial teórico a metodologia da pesquisa apresentada por Lopes (1990). Ao fim da pesquisa, notamos como principais características dessas pesquisas uma predominância dos aspectos históricos, em detrimento dos aspectos jornalísticos, e a presença do jornalismo anarquista como transversal a outros temas.

Palavras-chave: Alcar; história da imprensa; jornalismo alternativo; jornalismo anarquista; metodologia de pesquisa.

1. Introdução

Neste trabalho, propomos a análise dos artigos apresentados nos encontros nacionais e regionais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar) que versem sobre a imprensa anarquista no Brasil. A necessidade desse estudo surge de duas bases. A primeira é vinculada à pesquisa por nós desenvolvida no mestrado em comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB) sobre o jornalismo anarquista no Brasil entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, sob a orientação da professora doutora Liliane Maria

¹ Licenciado em filosofia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), bacharel em jornalismo pela Universidade Sagrado Coração (USC) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB).

Macedo Machado, tendo em vista que o estudo de pesquisas já desenvolvidas sobre o mesmo tema é fundamental para a construção do estado da arte. Neste processo inicial de levantamento do que foi publicado no Brasil sobre o tema, a escassez de publicações e, principalmente, de artigos² que tratem sobre uma prática tão difundida durante mais de meio século³ chamou-nos a atenção e atraiu nossa curiosidade para entender mais detidamente de que forma esses poucos artigos tratam o tema.

Para embasar essa “pesquisa da pesquisa”, utilizamos a metodologia da pesquisa proposta por Maria Immacolata Vassallo de Lopes (1990), que permite estruturar nossos objetos de análise em diferentes fases e operações que constituem toda produção científica para depois compará-las. Assim, nosso objetivo ao fim desse artigo é identificar os principais aspectos teórico-metodológicos das pesquisas que envolvam o jornalismo anarquista no Brasil publicados nos anais dos encontros nacionais e regionais da Alcar.

O artigo segue com uma apresentação dos pontos-chaves da metodologia da pesquisa de Lopes. A apresentação da teoria nos leva, na terceira seção, às análises dos artigos que são objeto do nosso estudo. Na quarta seção, tecemos as considerações finais sobre nossa investigação.

2. Metodologia da pesquisa

Um dos processos que regem a produção do conhecimento científico é a acumulação de saberes, onde um novo saber surge a partir de uma coleção prévia de outros saberes, seja para confirmá-los ou contradizê-los. Logo, a construção de uma nova pesquisa deve emergir em um diálogo com os trabalhos já elaborados sobre o mesmo tema ou objeto.

² Para ilustrar, na pesquisa nos anais dos últimos quinze congressos nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), realizados entre 2000 e 2014, encontramos apenas três artigos que fazem referência à imprensa anarquista. Nos anais da Alcar, objeto de nosso estudo, foram seis artigos, sendo que apenas três deles têm o temo “anarquismo” nas palavras-chave.

³ Em seu levantamento não exaustivo sobre imprensa operária no Brasil, entre o último quarto do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, foram publicados no Brasil mais de 300 títulos (FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 14), que apesar de reunir publicações anarquistas e socialistas, com predomínio das primeiras, mostra a grande presença da imprensa anarquista neste período da história do Brasil.

Segundo Lopes (1990, p. 91), também é desse conhecimento acumulado ao longo do desenvolvimento da ciência que são fornecidos – em último caso – as possibilidades técnicas, teóricas e metodológicas aceitas naquele momento para uma dada pesquisa. Tais fatores justificam o desenvolvimento das chamadas “pesquisa da pesquisa”, ou na terminologia empregada por Lopes: metodologia da pesquisa⁴. Isto é, uma investigação sobre a produção científica em determinado campo ou tema de interesse, visando a reconstrução das pesquisas buscando a compreensão de suas diferentes etapas metodológicas e suas articulações (LOPES, 1990, p. 135).

Tal construção se fundamenta sobre duas bases. A primeira é a necessidade de se refletir a metodologia aplicada na prática da pesquisa, uma vez que aquela não pode ser dissociável de sua aplicação. O segundo fundamento está mais voltado para o âmbito epistemológico do pesquisador, pois a reflexão metodológica é “necessária para criar uma *atitude consciente e crítica* por parte do investigador quanto às operações científicas que realiza na investigação” (Ibidem, p. 92, destaque no original).

Toda pesquisa é composta por dois campos dinâmicos, um estrutural, composto por suas dimensões epistemológica, teórica, metódica e técnica, e outro procedimental, que envolve a definição do objeto de pesquisa, a observação, descrição e interpretação do fenômeno (Ibidem, p. 95-96), que se articulam em uma rede de procedimentos lógicos e práticos, sendo organizados em fases metodológicas, compostas por operações metodológicas representadas no (Quadro 1):

Quadro 1

Componentes sintagmáticos do modelo metodológico	
Fases metodológicas	Operações metodológicas
I. Definição do objeto (teorização da problemática)	1. Problema de pesquisa 2. Quadro teórico de referência 3. Hipóteses
II. Observação (técnicas de investigação)	4. Amostragem 5. Técnicas de coleta
III. Descrição (técnicas e métodos de descrição)	6. Análise descritiva
IV. Interpretação (métodos de interpretação)	7. Análise interpretativa 8. Conclusões

⁴ A autora diferencia metodologia da pesquisa, que designa a investigação ou teorização da prática da pesquisa, de metodologia na pesquisa, sendo esse conceito aquele tradicionalmente associado ao termo metodologia, como conjunto de métodos empregados na pesquisa.

9. Bibliografia

Fonte: LOPES, 1990, p. 136

A primeira fase da pesquisa parte sempre da construção teórica do objeto de pesquisa a partir do fenômeno que se deseja investigar. Para tanto, nesse primeiro momento, o pesquisador envolve-se com o quadro de referência escolhido, que implicará não só na delimitação dos campos teóricos da pesquisa, mas também oferecerá estratégias de pesquisa, coleta e seleção de dados. Nesta fase, o pesquisador determina o problema da pesquisa, que tem início com a escolha do tema que é reduzido até uma problemática específica. A essa problemática estão vinculados outros dois fatores importantes: a elucidação dos conceitos envolvidos e os objetivos da pesquisa, isto é, se ela será voltada para a verificação de um fenômeno na realidade (pesquisa empírica), se pretende contribuir para o estudo da teoria sobre o problema (pesquisa teórica), se pretende intervir na existência do fenômeno (pesquisa prática), entre outras (LOPES, 1990, p. 139).

Como dissemos, a construção do problema implica na construção de um quadro teórico, que servirá de referência para a construção do objeto a partir de um dado paradigma científico. A construção desse quadro teórico também implica para o pesquisador situar seu problema em relação a outras pesquisas já realizadas, além de levantar obras que versem sobre modelos teóricos, problemas metodológicos e conteúdos relacionados ao objeto de pesquisa, que constituirão a pesquisa bibliográfica.

A construção teórica do problema de pesquisa pode levar o investigador a proposição de hipóteses de trabalho (ou teóricas). Segundo Lopes (1990, p. 140), as hipóteses seriam a primeira ligação entre a teoria e a investigação, indicando modos de aproximação da teoria para os fatos. Entretanto, a necessidade da formulação de hipóteses é questionada e debatida no meio acadêmico, sendo possível encontrar pesquisas sem hipóteses formuladas ou, ao menos, explicitadas.

Estruturado o objeto de pesquisa, a investigação segue para a fase de observação, na qual o pesquisador busca reconstruir a realidade empírica através de operações que “visam coletar e reunir evidências concretas capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial” (ibidem, p. 142). Identificados que tipo de dados o

pesquisador está em busca, a observação se estrutura em duas operações: amostragem e técnicas de pesquisa.

A amostragem é utilizada para delimitar o universo de investigação. Tal operação pode utilizar a técnica probabilística, onde o pesquisador utiliza métodos de tratamento estatístico e quantitativos de análise, como é o caso da amostra aleatória, sistemática, entre outras. A outra grande técnica de amostragem é a não-probabilística, que parte da amostra significativa ou de representatividade não-estatística, utilizando métodos qualitativos de análise. No caso da amostragem não-probabilística, o pesquisador não pode realizar inferências estatísticas de sua pesquisa.

A segunda operação da fase de observação compreende as técnicas de pesquisa, que são os instrumentos utilizados para coletar as informações ou dados da pesquisa. Para tanto, o pesquisador pode fazer uso da observação direta, como o registro sistemático dos fatos, ou a indireta, com a realização de questionários, entrevistas, histórias de vida, entre outras.

As etapas de descrição e interpretação da pesquisa, respectivamente terceira e quarta fases metodológicas, nem sempre são apresentadas de forma distinta, sendo comum encontrar a descrição apresentada simultaneamente com as análises. Isso ocorre devido a característica da fase descritiva, que cria uma ponte entre a observação dos dados e sua interpretação, tanto que a operação de análise descritiva compreende um movimento de caráter técnico e outro analítico. No primeiro, os dados são classificados, organizados e coletados e criticados, para então passarem pelo movimento analítico de construção do objeto empírico, com a reprodução de suas características fundamentais e suas relações com o contexto empírico.

Com toda a construção do objeto em seu contexto, o pesquisador pode realizar a interpretação do mesmo, isto é, realizar a “teorização dos dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa” (LOPES, 1990, p. 151), promovendo a generalização científica do objeto empírico estudado dentro de um contexto teórico. Lopes (1990, p. 152) destaca como os três principais métodos de interpretação nas Ciências Sociais lidam com os problemas teóricos e materiais empíricos:

O método dialético realiza o processo de abstração e de generalização sempre num campo histórico, buscando as relações estruturais do fenômeno com o todo social por meio do princípio de contradição (nível de funcionamento do tipo social histórico); o método funcionalista busca a totalidade em termos de causalção funcional e de relações funcionais do fenômeno com o todo, num campo supra-histórico (nível da comparação de tipos sociais históricos); o método compreensivo busca construir relações de sentido entre o fenômeno e o todo que se localiza num campo a-histórico (nível operativo do tipo ideal). (LOPES, 1990, p. 152)

Deste modo, para a análise do nosso corpus de pesquisa – os artigos que tratam do jornalismo anarquista publicados nos anais dos encontros da Alcar –, propomos a seguinte estrutura apresentada no (Quadro 2).

Quadro 2

Parâmetros teórico-metodológicos	
Fase metodológica	Operação metodológica
I. Definição do objeto	1. Problema de pesquisa 2. Objetivo 3. Conceitos-chave (e sua formulação) 4. Quadro teórico (incluindo bibliografia)
II. Observação	5. Que tipo de dados procura? 6. Como foi feita a coleta dos dados? 7. Como foi feita a amostragem? 8. Como foi feita a coleta?
III. Descrição e interpretação	9. Como foi construído o objeto empírico? 10. Como o fenômeno foi reconstruído dentro de seu contexto? 11. Como foi realizada a interpretação do objeto empírico?

3. Análise

Em seu artigo **O método e a análise histórica do jornalismo**, Marialva Barbosa (2013, p. 4) afirma que o presentismo dos estudos em comunicação faz do passado uma “terra estrangeira” para os pesquisadores dessa área. Tal afirmação se mostra ainda mais forte quando o tema da pesquisa remete não somente ao passado, mas também está ligado a uma ideologia que foi derrotada há quase cem anos no campo político nacional,

como ocorreu com o anarquismo a partir da década de 1920⁵. Levantamentos realizados por nós deixa isso evidente. Nas últimas quinze edições do congresso nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), realizados entre 2000 e 2014, encontramos apenas três artigos que tratam da imprensa anarquista no Brasil. Já na busca no Portal de Periódicos da Capes pela palavra-chave Imprensa Anarquista, sem aspas⁶, resultou em apenas 27 respostas para artigos, sendo que seis deles eram de conteúdos do Almanaque Abril.

Para tentar superar a “aversão ao passado” das pesquisas em comunicação, focamos nossa pesquisa para os anais dos encontros nacionais e regionais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar). A Alcar foi fundada em 2001 e realizou seu primeiro encontro nacional em 2003, na cidade do Rio de Janeiro, seguindo com periodicidade anual até a sétima edição em 2009, quando tornou-se bianual, com os eventos regionais ocorrendo nos anos pares. Até 2014⁷, foram nove encontros nacionais, três regionais no Nordeste⁸, três no Norte, três no Sul, três no Sudeste e um encontro do estado do Rio de Janeiro.

Na busca por artigos que envolvessem a temática da imprensa anarquista publicados nos anais dos eventos da Alcar, encontramos seis artigos, sendo eles:

- **Trajetórias de militância pelo jornalismo: Um percurso histórico pela participação da imprensa nas lutas do movimento operário e sindical em Ponta Grossa/PR ao longo do século XX**, de Karina Janz Woitowicz, apresentado no 4º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho⁹, em 2006;

⁵ A partir da década de 1920, os membros do recém-fundado Partido Comunista Brasileiro (PCB) passam a disputar a força política do operariado nacional com os anarquistas em confrontos que chegaram algumas vezes a violência física. Além disso, o presidente Artur Bernardes (1922-1926) importou naquela mesma década o modelo sindicalista fascista da Itália, colocado em prática por Getúlio Vargas. Esses dois fatores, combinados com a perseguição política e extradição de militantes, enfraqueceu o movimento anarquista que havia predominado entre a classe operária até então.

⁶ A opção por não usar aspas foi para ampliar a busca, já que o uso da expressão Imprensa Anarquista com aspas rendeu apenas duas respostas.

⁷ O 10º Encontro Nacional de História da Mídia – Alcar 2015 foi realizado entre os dias 3 e 5 de junho em Porto Alegre, mas os trabalhos apresentados no encontro ficaram de fora de nossa pesquisa, pois os anais do evento ainda não foram divulgados.

⁸ O 1º Encontro Regional de História da Mídia do Nordeste não teve seus anais divulgados no site da Alcar, portanto, os trabalhos apresentados ficaram de fora do nosso levantamento.

⁹ Rede Alfredo de Carvalho foi o nome originalmente dado ao grupo que posteriormente se tornaria a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, que manteve a cicla Alcar. Os

- **Quando a imprensa imigrantes de São Paulo se tornou alternativa**, de Camila Escudero e Nayara C. Teixeira, no 5º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, em 2007;
- **As flores do mal que brotam do *underground*: contracultura e anarquismo na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)**, de João Henrique de Castro de Oliveira, no 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, em 2008;
- **Imprensa operária no Rio de Janeiro – Os periódicos libertários e a formação da classe trabalhadora (1845-1935)**, de Alessandro Magalhães Pinto, no I Congresso de História da Mídia do Estado do Rio de Janeiro, em 2010;
- **O Baurú: Uma singularidade no jornalismo político da Primeira República**, de Célio José Losnak, no 9º Encontro Nacional de História da Mídia, em 2013; e
- **Vozes libertárias em tempos sombrios – Imprensa anarquista no período de ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985)**, de João Henrique de Castro de Oliveira, no 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, em 2014.

Como se vê, em nenhum encontro mais de um trabalho com o tema foi apresentado, estando eles concentrados nos encontros nacionais (3), dois nos encontros regionais do Sudeste e um no encontro carioca. Também é de relevo o fato de que somente um autor se repete entre os trabalhos (OLIVEIRA, 2008; 2014), o que aponta para uma realidade onde a imprensa anarquista é tema transversal nas pesquisas em história do jornalismo.

Os pesquisadores também se encontram majoritariamente na região Sudeste, sendo três de São Paulo (Losnak e Escudero; Teixeira), dois do Rio de Janeiro (Pinto e Oliveira) e uma paranaense (Woitowicz). Tal característica pode ser justificada pela maior presença dos jornais anarquistas nessa região na virada do século XIX para o XX¹⁰, o que permite uma maior proximidade do pesquisador com o tema. No que diz respeito a formação acadêmica dos autores na data de publicação dos artigos, Losnak

encontros da Alcar passam a ser conhecidos como Encontros/Congressos de História da Mídia a partir das edições regionais de 2010.

¹⁰ Dos 343 títulos de jornais operários levantados por Maria Nazareth Ferreira (1988, p. 14), 149 foram publicados no estado de São Paulo e outros cem no Rio de Janeiro, que naquele período era a capital do império/república.

era graduado, mestre e doutor em história; Woitowicz era doutoranda em Ciências Humanas, com graduação em jornalismo e mestrado em comunicação; Escudero e Teixeira eram ambas mestradas em comunicação com graduação também na área; Oliveira possuía graduação em história e jornalismo, sendo que quando apresentou seu primeiro artigo (2008) era mestre em história e doutorando na mesma área no momento da apresentação de seu do segundo trabalho (2014). Sobre Pinto não foi possível definir sua formação no ano de apresentação do artigo (2010), mas posteriormente graduou-se em história, como é possível ver em seu Currículo Lattes.

Para encerrar essa apresentação dos aspectos mais gerais dos artigos por nós analisados, cabe ressaltar que as pesquisas apresentadas têm um forte caráter regional, sendo que somente os trabalhos de Oliveira extrapolam as fronteiras municipais e estaduais, envolvendo publicações de diversos estados. Quanto ao recorte temporal das pesquisas, os trabalhos de Oliveira também são os únicos que se afastam do período mais fértil do jornalismo anarquista brasileiro, entre o fim do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX, sendo que seus objetos de pesquisa se encontram em torno do período ditatorial, entre 1964 e 1984 (OLIVEIRA, 2008) e 1969 e 1992 (OLIVEIRA, 2014).

Partindo para a descrição de nossas análises tendo como base o quadro teórico-metodológico apresentado na seção anterior, vamos primeiro apresentar o problema da pesquisa e conceitos-chave de cada artigo, seguindo para análises comparativas entre o quadro teórico e as fases de observação, descrição e interpretação, para reconhecer suas semelhanças e diferenças no modo que cada trabalho trata do tema jornalismo anarquista.

Pensando em seus conceitos-chave, podemos organizar os artigos estudados em três grandes grupos no que diz respeito ao conceito de jornalismo no qual enquadra seus objetos. O primeiro deles é o jornalismo operário do início do século XX, que engloba os trabalhos de Pinto, Woitowicz e Escudero e Teixeira; o segundo grupo diz respeito ao jornalismo alternativo no período da ditadura civil-militar, no qual fazem parte os dois artigos de Oliveira; no terceiro grupo está presente somente o trabalho de Losnak, que tem como objeto um jornal do interior de São Paulo ligado ao Partido Republicano Paulista. Estas características evidenciam, como já afirmamos, que o jornalismo

anarquista passa como tema transversal na maioria dos artigos, o que também pode ser notado pelo fato de somente em três deles (PINTO, 2010; OLIVEIRA, 2008; 2014) terem o termo anarquismo entre as palavras-chave.

Ao fazerem um recorte mais amplo sobre a imprensa operária, os trabalhos de Woitowicz e Escudero e Teixeira têm como problema de pesquisa identificar o papel dessa forma de jornalismo no movimento operário, no caso de Escudero e Teixeira (2007) fazendo um recorte na imprensa imigrante na capital paulista na virada do século XIX para o século XX e no trabalho de Woitowicz (2006) atuando sobre a história da imprensa operária em Ponta Grossa (PR) em diferentes épocas.

Esse espectro temporal amplo da pesquisadora paranaense – somado ao seu foco no jornalismo sindical contemporâneo – faz com que sua pesquisa seja a que passa mais superficialmente sobre a imprensa anarquista, introduzindo a história da imprensa operária e anarquista no Brasil e no Paraná, antes de elencar os jornais de Ponta Grossa que se encaixavam nesse perfil. Seus conceitos-chave são imprensa sindical, mídia alternativa e jornalismo, todos bem explicados. Porém, os conceitos de jornalismo anarquista, anticlerical e socialista, secundários no trabalho da pesquisadora, não são claramente distinguidos, o que acarreta em uma unificação na descrição dos objetos empíricos de forma quase homogênea.

O artigo **Quando a imprensa imigrantes de São Paulo se tornou alternativa**, de Escudero e Teixeira (2007), já trabalha mais detidamente na descrição dos jornais imigrantes ligados ao movimento operário e anarquista na capital paulista. Entretanto, as pesquisadoras buscam conceituar esse tipo de imprensa a partir do conceito de mídia alternativa, definindo muito bem esse conceito, mas com base no fenômeno que aconteceu no Brasil principalmente a partir dos anos de 1970. Tal escolha teórica tem implicações na fase interpretativa da pesquisa, uma vez que o conceito de mídia alternativa não é reinterpretado para a realidade vivida pelos jornais operários cerca de 70 anos antes.

O terceiro artigo do grupo que trata da imprensa operária também visa identificar a relação existente entre a imprensa operária e a formação social do trabalhador, tendo como recorte o Rio de Janeiro nos anos de 1845 a 1935. Apesar de sua proposta de fazer um levantamento dos jornais operários publicados no Rio de

Janeiro, Pinto (2010) deixa de conceituar imprensa operária, não distinguindo claramente imprensa de classe, socialista, anarquista e anticlerical, tal como ocorre com Woitowicz (2006). Já o conceito de classe trabalhadora é construída em oposição aos conceitos de classes burguesa e política.

No trabalho **As flores do mal que brotam do *underground***, Oliveira (2008) se propõe a investigar a atuação dos grupos libertários no Brasil entre 1969 e 1992, privilegiando como fontes primárias os jornais por eles publicados. O autor preocupa-se em definir seus conceitos-chave, como resistência política, esquerda, imprensa alternativa e contracultura, tal preocupação é fruto justamente da especificidade do seu objeto empírico, que foge dos tradicionais objetos de estudo da contracultura no período da ditadura civil-militar, ligadas às correntes marxistas. Em seu artigo apresentado em 2010, Oliveira mostra novamente uma preocupação em deixar claros seus conceitos-chave de comunicação, cultura, mídia, esquerda e imprensa alternativa, em um trabalho que tem como problema de pesquisa identificar a atuação social e os meios de divulgação libertários durante a ditadura civil-militar.

Por fim, o artigo de Losnak (2013) tem como problema de pesquisa identificar quais as características que condicionam a produção jornalística no jornal **O Baurú**, produzido no interior de São Paulo entre 1906 e 1924. O trabalho inicia com uma longa conceituação de produção midiática e jornalística com base em diversos autores, deixando claro que essa conceituação servirá de base para a análise dos dados empíricos levantados do jornal. Como dissemos, este artigo tem uma característica diferente dos demais por ter como objeto de pesquisa um jornal ligado ao Partido Republicano Paulista, mas que durante um período deu voz para organizações operárias e do movimento anarquista. Apesar dessa característica republicana de seu objeto, Losnak se preocupa também em conceituar o jornalismo operário.

Antes de prosseguirmos, é de fundamental importância destacar que apesar do conceito de anarquismo estar presente de uma forma ou outra em todos os seis artigos analisados, nenhum deles se preocupa em defini-lo, tratando-o em geral como um fenômeno uniforme (movimento anarquista). Entendemos que tal concepção reducionista pode implicar diretamente na análise dos objetos empíricos, uma vez que a

imprensa produzida pro anarquistas não pode ser entendida sem levar em conta as características ideológicas que levaram seus editores a fundarem tais veículos.

As referências bibliográficas utilizadas para a construção do quadro teórico dos artigos analisados pode ser dividida em grupos, que comportem as obras sobre a imprensa em geral, sobre a imprensa operária, a imprensa alternativa, teorias do jornalismo e da comunicação, história e outros.

No que diz respeito a imprensa operária, o livro de Maria Nazareth Ferreira **A imprensa operária no Brasil** é a grande obra de referência, estando presente em quatro dos seis artigos. Ela só não aparece nas referências do artigo de Woitowicz, que opta por **Jornalismo e militância operária**, de Sílvia Araújo e Alsina Cardoso, e **O que é jornalismo operário**, de Vito Giannotti, além de diversas obras sobre jornalismo sindical e comunicação popular, e no artigo de 2008 de Oliveira, que utiliza obras sobre jornalismo alternativo.

Presentes em ambos os artigos de Oliveira, livros sobre o jornalismo alternativo também são referência no trabalho de Escudero e Teixeira e Pinto, com destaque para **Jornalistas e Revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa**, de Bernardo Kucinski, e duas obras de Regina Festa, também citada por Woitowicz.

Referências sobre a história da imprensa em geral é amplamente utilizada por Losnak (2013), com obras de Heloísa de Faria Cruz, Lilian Moritz Schwarcz e Maria Helena Capelato sobre a história da imprensa paulista. Para os demais autores, a grande referência na história da imprensa é Nelson Werneck Sodré com **História da imprensa no Brasil**, apesar do uso principal ser do capítulo que fala sobre a imprensa operária.

As obras sobre teoria do jornalismo são as mais diversificadas entre os autores. Losnak (2013) é quem possui a maior variedade de referências sobre teorias do jornalismo, citando autores como Souza, Schudson, Jeanneney, Darnton, entre outros. Oliveira (2014), utiliza uma obra de introdução: **Curso Básico de Teoria da Comunicação**, de José Haroldo Pereira. Mas o fato interessante na construção do quadro teórico sobre teoria do jornalismo está nos outros quatro artigos analisados, que não apresentam nenhuma obra de referência geral sobre o tema, fazendo uso restrito de livros sobre teorias do jornalismo popular, operário ou sindical para construir seu quadro.

Sobre a história, as obras mais consultadas são o livro **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**, de Carlos Augusto Addor, a obra de Francisco Foot Hardman **Nem pátria, nem patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil**. O memorialista do anarquismo Edgar Rodrigues também é citado por Oliveira em seus dois trabalhos e Pinto.

Passando para a fase de observação, notamos que os dados procurados pelos pesquisadores estão voltados para os conteúdos publicados nos jornais tendo em vista responder seu problema de pesquisa. As únicas exceções são o artigo **Vozes libertárias em tempos sombrios**, de Oliveira (2014), que busca dados na história sobre as atividades dos grupos libertários e suas publicações, e o artigo de Pinto (2010), sobre a imprensa operária no Rio de Janeiro, que busca elementos que mostrem a conexão entre os jornais operários e a formação da classe trabalhadora.

Essa ligação entre os dados visados e os materiais impressos marca a forma como foi feita a coleta desses dados, sempre através de observação indireta nos jornais ou em livros de referência. Quanto a amostragem, ela é influenciada pelo caráter histórico da pesquisa, que permite aos autores a trabalharem com amostras não-probabilística.

Na fase de descrição e interpretação dos dados, os autores buscam reaproximar os dados empíricos com a teoria adotadas por eles. Salvo o trabalho de Woitowicz, que não se aprofunda na questão do jornalismo anarquista, os demais concretizam essa etapa de maneira bastante clara, aproximando seus objetos empíricos dos conceitos apontados e contextualizando com os aspectos sociais e políticos de cada tema.

Fundamentado em uma ampla gama de conceitos de jornalismo, Losnak (2013) organiza os dados segundo suas características administrativas, técnicas de produção e de conteúdo. Por sua vez, Oliveira (2008) propõe duas categorias, uma de contracultura e outra de publicações ligadas ao movimento anarquista. Já em **Vozes libertárias em tempos sombrios** (OLIVEIRA, 2014), o pesquisador organiza os dados dentro dos conceitos de autogestão, anti-hierárquico e da indissociabilidade de trabalho intelectual e braçal. Realizando um trabalho mais historiográfico, Pinto (2010) utiliza critérios cronológicos, período de circulação, filiação ideológica (socialista utópico, anarquista ou de classe) e editores. Como destacamos, o trabalho de Escudero e Teixeira (2007) é o

que mais peca nessa aproximação entre os dados colhidos e teoria, uma vez que busca em teorias sobre fenômenos da segunda metade do século XX para estudar fenômenos do início do século.

Sobre a descrição, cabe destacar a falta do movimento de crítica aos dados levantados, principalmente nas obras que utilizam obras de referência como fontes (OLIVEIRA, 2008; 2014, ESCUDERO; TEIXEIRA, 2007, WOITOWICZ, 2006). Mesmo sendo obras de pesquisadores, a crítica sobre esses dados precisa ser feita, mesmo que para um parecer favorável.

Cabe finalizar apontando que a interpretação do objeto empírico nos artigos pesquisados apontam para um modelo dialético, onde são apontadas relações estruturais do fenômeno com o todo social. Isso decorre, a nosso entender, pelo objetivo das pesquisas, voltadas para a verificação de um fenômeno na realidade (pesquisa empírica), pelo tipo de amostra não-probabilística adotada e também pela característica marcadamente histórica das pesquisas, que valorizam mais as circunstâncias históricas que envolveram aquela prática jornalística do que seus aspectos comunicacionais.

4. Considerações finais

Nossa análise dos artigos que envolvam o jornalismo anarquista publicados nos encontros da Alcar permitiu enxergar melhor o cenário da pesquisa sobre este tema no Brasil. O primeiro fato que chama a atenção é a incipiência das pesquisas sobre esse tema em comunicação, tendo em vista que metade dos autores vem da história e somente um possuía o título de doutor na data da apresentação do trabalho. A incipiência das pesquisas sobre o jornalismo anarquista também é demonstrado pela forma como é tratado nos trabalhos, quase sempre como um tema transversal das pesquisas.

Outra característica marcante dessas investigações é seu caráter notadamente histórico, em detrimento dos aspectos comunicacionais e jornalísticos dessa prática amplamente difundida em um momento de consolidação e proliferação da imprensa no Brasil, como foram as primeiras décadas do século XX.

Ao olhar para o quadro teórico das pesquisas estudadas, podemos confirmar a afirmação de Bernardo Kucinski (2003, p. 37) que a imprensa alternativa dos anos 70 no Brasil como uma sucessão da imprensa panfletária e anarquista como um espaço público de reflexão e contra-hegemônica. Oliveira (2008; 2014) é o que deixa mais claro essa passagem, não só estudando a imprensa anarquista produzida nos anos áureos da mídia alternativa no Brasil, mas também mostrando as relações entre a contracultura que marca os veículos alternativos e o anarquismo. Escudero e Teixeira (2007) também se propõem a fazer essa relação entre a imprensa anarquista do início do século XX e a mídia alternativa, porém apresentam dificuldades em fazer tal transposição de conceitos.

Isso nos leva a afirmar a necessidade de uma melhor conceituação do jornalismo anarquista e operário na história do Brasil, que sirva como fundamento para o desenvolvimento de novas pesquisas que envolvam essa temática. Tal proposta deve passar por dois pontos frágeis dos artigos analisados: os aspectos comunicacionais dos jornais anarquistas e a relação entre a ideologia anarquista (e suas correntes) e a prática jornalística.

Por fim, pontuamos um problema comum em quase todos os trabalhos, que é a falta de informações sobre os acervos consultados para encontrar os jornais estudados. As únicas exceções são os trabalhos de Escudero e Teixeira (2007) e Oliveira (2008), que mencionam alguns dos acervos pesquisados. Outros trabalhos, como é o caso de Woitowicz (2006) e Pinto (2010), aparentam ter se baseado somente em obras de referência para elencar os jornais anarquistas e operários apontados.

Referências

BARBOSA, Marialva Carlos. O método e a análise histórica do jornalismo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36., 2013, Manaus. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0251-1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

ESCUADERO, Camila; TEIXEIRA, Nayara C. Quando a imprensa imigrantes de São Paulo se tornou alternativa. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 5, 2007, São Paulo, SP. **Anais online**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Quando%20a%20imprensa%20imigrantes%20de%20Sao%20Paulo%20se%20tornou.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 7. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LOSNAK, Célio José. O Baurú: Uma singularidade no jornalismo político da Primeira República. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9, 2013, Ouro Preto, MG. **Anais online**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/o-bauru-uma-singularidade-no-jornalismo-politico-d-a-primeira-republica>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

OLIVEIRA, João Henrique de Castro de. As flores do mal que brotam do *underground*: contracultura e anarquismo na imprensa alternativa brasileira (1969-1992). In: Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 6, 200, Niterói, RJ. **Anais online**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/As%20flores%20do%20mal%20que%20brotam%20do%20underground.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

_____. Vozes libertárias em tempos sombrios – Imprensa anarquista no período de ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). In: Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, 3, 2014, Rio de Janeiro, RJ. **Anais online**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-7-2013-historia-da-midia-alternativa/vozes-libertarias-em-tempos-sombrios-2013-imprensa-anarquista-no-periodo-de-ditadura-civil-militar-no-brasil-1964-1985/view>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

PINTO, Alexsandro Magalhães. Imprensa operária no Rio de Janeiro – Os periódicos libertários e a formação da classe trabalhadora (1845-1935). In: Congresso de História da Mídia do Estado do Rio de Janeiro, 1, 2010, Nova Friburgo, RJ. **Anais**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/1o-encontro-rj/RJ.pdf/at_download/file>. Acesso em: 3 ago. 2015.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Trajetória de militância pelo jornalismo**: Um percurso histórico pela participação da imprensa nas lutas do movimento operário e sindical em Ponta Grossa/PR ao longo do século XX. In: Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 4, 2006, São Luiz, MA. **Anais online**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1/Trajetorias%20de%20militancia%20pelo%20jornalismo.doc>>. Acesso em: 3 ago. 2015.